

A falácia do parlamentarismo para o brasileiro

Luiz Roberto
S. Candiota (*)

Discutia-se até a última terça-feira o valor de um sistema parlamentarista de governo para o Brasil, comparando-o em termos de vantagens e desvantagens com um sistema presidencialista, esquecendo-se de que não se estava mais, a esta altura "constituente", negociando-se idéias acadêmicas e teóricas (como já exaustivamente propostas e elaboradas pelo professor Bolívar Lamounier e outros), mas legislando-se sobre uma prática forma de funcionamento do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, para a vida do governo de nosso país, supostamente para o benefício de todos os cidadãos brasileiros.

Aí é que reside a fonte de um grande engano: estava



sendo "constituído" um sistema de governo que se adapte às necessidades políticas deste momento muito curto da vida de nosso povo. Constituições precisam evolver das necessidades íntimas de um povo, e o tal de sistema parlamentarista (qualquer que seja ele) não tem nada a ver com a intimidade do povo brasileiro.

Por quê?

Ora, nosso povo tem origem numa tradição cultural cristã, onde figuras parentais muito fortes (papa, bispos, padres, monarcas, chefes-todo-poderosos, etc.) são depositárias das esperanças e frustrações, dos desejos e proteção, como requeridos de nossos pais na infância, e que, por conseguinte, não tem ainda qualquer fundamentação íntima para governar-se por um sistema de gerência sem o chefe.

Quem conhece um país desse tipo de tradição cultural judaico-cristã que tenha um sistema parlamentarista de governo que fun-

cione eficaz e eficiente-mente? E o Estado de Israel, por exemplo? Bem que parece que funciona, parlamentaristicamente, só que não nos podemos esquecer que se trata de um Estado cujo povo está à espera do Messias, em guerra constante, e é predominantemente sustentado por contribuições oriundas de países de cultura calvinista (Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha). Qualquer outro país de tradição e cultura cristãs, tem um sistema de governo operante sob a condição de lideranças muito fortes (ainda que seja formal e nominalmente parlamentarista). As passagens episódicas por tentativas de sistemas parlamentaristas verdadeiros são seguidas por ditaduras fortes. França, Itália e Espanha têm tentado escapar à figura do "salvador", com o insucesso de vários governos sucessivos (França e Itália) associado a um aparato estatal pouco respeitado e confiável por parte do povo ou, como no caso

da experiência jovem de Felipe Gonzales (Espanha), ainda muito imatura para ser considerada um escape à tradição absolutista da realeza ou da ditadura franquista.

E por que o parlamentarismo representativo verdadeiro funciona em países como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha? Penso que seja pela sua tradição e cultura calvinista, onde o indivíduo é responsável por seus atos perante Deus, onde a riqueza pessoal e o sucesso são vistos como um reconhecimento de Deus pelo valor de seu filho laborioso (e não algo de que se esconder e ser condenado, como a nossa tradição cristã), onde o outro tem tanto direito quanto nós mesmos, já que o nós existe por uma soma-tória quase harmônica de muitos eus, em reconhecimento do benefício do nós, de onde as leis privilegiam a vida em comum, sem prejuízo dos direitos e deveres do indivíduo.

Nessas culturas não há Messias, salvador, ou aquele que deve saber mais que todos, pois, individualmente, cada um se sente, e é, o único responsável perante sua consciência por seus atos ou omissões. E todos comungam de tal credo.

Daí a falácia de que um sistema parlamentarista de governo possa proporcionar ao povo de um país como o Brasil — e é para o povo, para cada um de nós, brasileiros, que um governo precisa ser organizado, não para dar um arranjo no conflito político atual, sob a fantasia de um projeto teórico dissociado de nossa íntima tradição cultural — a estrutura organizacional suficientemente competente para a administração de nossas relações com nosso patricio, e ordenação dos objetivos deste país como nação soberana.

(*) M.B.A. da Universidade de Harvard, EUA; psicanalista em São Paulo.